

Convite ao Debate

O novo líder do governo no Senado assume hoje o cargo e a missão de "trazer de volta o debate político" que lhe foi confiada pelo presidente Fernando Henrique. O senador Artur da Távola (PSDB-RJ) foi escolhido para atrair a oposição ao debate de idéias, problemas e programas esvaziado pelos escândalos que puseram o Senado em destaque negativo e na incômoda berlinda moralista.

A eleição do sucessor de Jader Barbalho na presidência do Senado aumentou as dificuldades no relacionamento dos partidos responsáveis pela sustentação parlamentar do governo Fernando Henrique. O PFL não digeriu a sucessão no Senado e, proclamada a vitória do candidato do PMDB (sem opositor), retirou-se do plenário em sinal de protesto. Artur da Távola não empresta maior peso ao episódio, pois "ao sair do plenário o PFL já demonstrou sua insatisfação". É um partido "suficientemente pragmático para se ajustar" à realidade e comportar-se normalmente. De fato, pela sua condição inata de fazer parte do poder, o PFL confirmou o desajustamento nas relações dentro da aliança que elegeu o presidente Fernando Henrique por duas vezes. Proclamou seu desconforto. Os traços de incompatibilidade política dizem respeito ao PFL e ao PMDB dentro do mesmo governo. Artur da Távola apostava no espírito prático que vacinou o PFL contra questões secundárias.

Há 9 meses longe de Brasília, licenciado no mandato de senador, o representante do Estado do Rio diagnosticou com objetividade os males que

se manifestam na sustentação parlamentar do governo Fernando Henrique: a tensão nas relações entre PFL, PSDB e PMDB decorre do encurtamento do prazo para a definição política da aliança e dá escolha do candidato oficial à sucessão presidencial. São três partidos para escolher um candidato a presidente e outro a vice. Um deles será excluído. A sombra da orfandade gerou e mantém a animosidade que se manifesta em todas as oportunidades.

Na opinião do novo líder do governo, porém, a terapia mais adequada é a restauração, recomendada pelo presidente da República, do grande debate político que obrigará os partidos da oposição a patrocinarem candidatos vinculados a soluções objetivas e a se definirem com mais precisão, em grau de compromisso. Entende que o governo ganha no Congresso a votação mas perde o debate. Ou seja: fica com o troféu da vitória mas se comporta como derrotado na batalha da opinião pública. É por isso que a missão do novo líder será encontrar o fio da meada e obrigar a oposição a vir para a batalha campal. Conta com o líder do governo na Câmara, deputado Artur Virgílio, para abrir o ciclo de debates políticos e conjurar a estelide de questões pessoais. O PSDB quer chamar a oposição para o confronto entre o que Brasil deixou de ser e o que pode vir a ser, pela via que tomou e por duas vezes a nação confirmou nas urnas, em 1994 e 98..